

## A CONCEPÇÃO DE *EUTRAPELIA* SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

Richard Lazarini<sup>1</sup>

### Resumo

Tomás de Aquino em sua *Summa Theologiae* aborda a necessidade de descansos físicos e anímicos ao ente humano. Tratando especificamente dos anímicos, o Aquinate argumenta que o descanso da alma pode se dar por atos lúdicos advindos de uma operação denominada *eutrapelia*. Esta se realiza a partir de um tipo de relação entre as faculdades imaginativa e intelectiva humanas. Tal relação é possibilitada por uma faculdade denominada *cogitativa*. É por esta que as imagens, próprias da imaginação, e os conceitos, próprios do intelecto, podem ser articulados de maneira eutrapélica a ponto de serem expressos ludicamente por jogos e brincadeiras que, além de produzirem deleites à alma do ente humano, possuem valores pedagógicos consideráveis à teoria do conhecimento de Tomás de Aquino.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino; cogitativa; eutrapelia; imaginação; intelecto.

### Abstract

Thomas Aquinas, in his *Summa Theologiae* approaches the need for physical and soulish rests to human being. Treating specifically about soulishes, the aquinate argues that the souls' rest can occur by playful acts that come from an operation called *eutrapelia*. This one takes place from a kind of relation between the imaginative and the human intelective faculties. Such relation is enabled by a faculty called *cogitative*. It is from this that images proper from imagination and concepts own to intellect can be articulated on a eutrapelic way, about to be expressed playfully by games and plays that beyond producing delights to human being' soul, have considerable pedagogics values to the Thomas Aquinas' theory of knowledge.

**Keywords:** Thomas Aquinas; cogitative; eutrapelia; imagination; intellect.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Email: richard.lazarini@unesp.br

## Introdução

Para Tomás de Aquino (*STh*, IIa IIae, q. 168, a. 2), o brincar é necessário na medida em que, no estado de vida presente, a alma humana precisa de distrações para relaxar, já que, ao operar por meio de suas capacidades sensíveis, ela se fadiga. Tomás (*STh*, IIa IIae, q. 168, a. 2, resp.) assere a necessidade de um remédio contra essa fadiga, qual seja: o deleite. Para ilustrar sua tese, o Aquinate destaca uma situação das *Conlationes Patrum* (CASSIANUS, 1542, XXIV, 21) em que João Evangelista, notando que alguém se escandalizara ao vê-lo brincar com os discípulos, pediu que um destes disparasse flechas com seu arco. Após repetir o disparo várias vezes, ele perguntou se o discípulo poderia continuar, o qual respondeu que “se assim procedesse, o arco se quebraria” (*STh*, IIa IIae, q. 168, a. 2, resp.). Em seguida, João argumentou que do mesmo modo a alma se desgastaria caso nunca relaxasse. Diante disso, notamos que o relaxamento é causado pela distensão das operações sensíveis da alma quando se repetem incessantemente.

O brincar é partícipe de uma operação virtuosa chamada *eutrapelia*, a qual, segundo Tomás (*STh*, IIa IIae, q. 168, a. 2, resp.), permite a *bona versio* (a boa disposição). A significação de *versio*, neste contexto, aproxima-se do que, em língua portuguesa, entendemos por converter ou transformar, ou seja, por uma *disposição* diversa da costumeira. Noutras palavras, trata-se de uma alteração ativa no estado da alma humana, possibilitando o deleite lúdico, isto é, da conversão do estado de tensão da alma a um estado lúdico que, à sua maneira, causa o prazer.

Neste artigo abordaremos o papel de uma faculdade da alma humana que produz a operação da *eutrapelia*, a saber: a faculdade cogitativa. Diante disso, trataremos, inicialmente, da relação entre as faculdades superiores e inferiores da alma para, em seguida, perscrutarmos as funções da cogitativa, incluindo a sua função lúdica e, por fim, consideraremos os deleites proporcionados pela ludicidade.

### 1 - O brincar e as faculdades da alma humana

Aristóteles, segundo Tomás de Aquino (*STh*, IIa IIae, q. 168, a. 2, resp.), sustenta que a vida requer brincadeiras para que o ente humano goze de algum repouso deleitável. O brincar proporciona relaxamento à parte sensível da alma humana ao passo que a operação intelectual jamais se cansa. Enfatize-se que o brincar diz respeito à principal faculdade sensível da alma humana, a cogitativa, e o inteligir a uma faculdade denominada intelecto. Ora, o intelecto é superior à cogitativa, pois os seus modos de ser

e de operar são mais excelentes que os dela. Não obstante, não pretendemos comparar - tal qual o prêmio de sua *Exposição aos De Ebdomadibus de Boécio* (TOMÁS, 1992, prêmio 1-52) - o deleite do brincar com as operações intelectivas. Antes, o artigo se limitará a investigar a importância do brincar dentro dos parâmetros da eutrapelia, segundo os quais a cogitativa opera sob um registro não-hierárquico das imagens sensíveis em relação aos conceitos do intelecto, dispondo a alma a um estado lúdico.

## 2 - A dimensão lúdica humana: o papel da faculdade cogitativa

Segundo Tomás de Aquino (*STh*, Ia, q. 78, resp.), a cogitativa, também chamada de razão particular, é uma faculdade que se encontra na parte sensitiva da alma humana: das capacidades sensitivas ela é a que possui mais afinidade e proximidade com o intelecto “segundo certa refluência” (*STh*, Ia, q. 78, resp.). Ademais, a cogitativa, operando em consórcio com a memorativa e a imaginativa, não apenas compara as imagens individuais, mas é capaz de formar uma única imagem - a partir de duas ou mais - que não encontra correspondência na realidade, por exemplo: as imagens individuais de ouro e de montanha, pela cogitativa, fundem-se em uma única imagem, a de uma montanha de ouro.

Há um tipo de relação com a cogitativa em que o intelecto, diversamente de uma operação rigorosa ou científica, influencia-a de modo brando e flexível, concedendo-lhe maior liberdade operativa. Assim, parece haver um jogo, sem muita intenção, entre as imagens, de um lado e, de outro, os conceitos intelectivos, de modo tal que a alma se deleita nessa quase falta de rigor entre ambas as capacidades. Segundo Rousselot (1999, pp. 148-154), nessa relação desinteressada entre imaginação e intelecto, este se deixa seduzir pelas imagens daquela por meio da cogitativa.

Algo pode ser considerado pelo intelecto com rigor ou quase sem rigor, por exemplo, numa consideração científica da maçã (*malum*) ou do cavalo (*equus*), o intelecto, após a imaginação formar imagens dessa fruta e desse animal, abstrai o que há de inteligível deles, isto é, as suas essências. Quer dizer, pela abstração, o intelecto adquire conhecimento das essências desses entes, que são classificadas em gêneros e espécies, possibilitando a expressão de suas definições. A expressão de suas essências, isto é, a definição, dá-se pela linguagem. Tomás, no *Comentário ao Peri Hermeneias de Aristóteles* (*In Arist. Exp. Per.*, I, II, I, 1-12), trata das definições como expressões da linguagem humana pela voz ou pela escrita. Ao considerar a linguagem, Tomás (*In Arist. Exp. Per.*, I, II, I, 1-12) chancela o triângulo semiótico aristotélico em que as palavras

escritas significam, por convenção, as vozes ou sons orais que, em grande medida, significam, por convenção, as paixões da alma, as quais, por natureza, são similitudes dos entes sensíveis.

Para Tomás (*STh*, Ia, q. 78, a. 1, resp.), a alma humana é dividida em três partes: vegetativa, sensitiva e intelectiva. Prescindindo da vegetativa, que tem um *modus operandi* que não nos interessa neste momento, cumpre destacar que as paixões da alma devem ser compreendidas de duas maneiras: (I) de maneira em que os entes sensíveis afetam os sentidos humanos e (II) de maneira em que as essências concebidas pelo intelecto possibilitam a realização do conhecimento humano. As concepções intelectivas são produtos de uma abstração que permite uma capacidade - denominada intelecto agente - prescindir da matéria da imagem particular do ente sensível para apreender a sua espécie inteligível e, consecutivamente, imprimi-la no intelecto possível, que a concebe como uma essência universal, a qual também pode ser chamada de conceito. No processo do conhecimento humano, o termo *impressão* indica duas coisas: (a) que aquele que imprime é ativo e (b) que aquele que a recebe é passivo. “Quem imprime a ‘espécie inteligível’ no intelecto possível é o intelecto agente, nessa medida, o intelecto agente é aquele que aplica a impressão”. No entanto, “o intelecto possível, na medida em que recebe a impressão da ‘espécie inteligível’, é passivo”. Assim, “a passividade da impressão pode ser entendida como um tipo de ‘paixão’ (*patior*: sofrer, ser passivo), a qual também pode se caracterizar como ‘afecção’ (*affectus*: impressão, paixão) do intelecto possível – após ter a ‘espécie inteligível’ impressa pelo intelecto agente”. (LAZARINI, 2015, pp. 295 - 296).

Segundo o Aquinate (*In Arist. Exp. Per.*, I, II, I, 7 - 11), assim como as vozes são signos dos conceitos produzidos pelas paixões da alma, as letras são signos das vozes. Quer dizer, as palavras vocais são signos dos conceitos intelectivos ao passo que as palavras escritas nada mais são do que signos das palavras vocais. Estas são naturais, embora as suas significações não sejam assim necessariamente. Quer dizer, há, nas vozes, tanto significações naturais - que são as mesmas para todos (os gritos dos enfermos ou os choros das crianças) - quanto convencionais - que não são as mesmas para todos. Em contrapartida, as letras só possuem significações convencionais, embora os conceitos sejam naturais e, portanto, os mesmos para todos.

Os conceitos não são signos dos entes, porém semelhanças destes, porque a alma humana os conhece por imagens e conceitos que ela própria produz a partir da afecção

causada por eles próprios. A similitude dos entes sensíveis existe na sensibilidade humana, por imagens, e na inteligência, por conceitos. Nos primeiros de modo particular e, nos segundos, de modo geral ou universal<sup>2</sup>.

As orações são constituídas, basicamente, por sujeito, verbo e predicado. De modo mais geral, podemos afirmar que as orações são compostas por palavras que são signos pelos quais chegamos a conhecer algo de outro. A palavra pode ser expressa tanto isoladamente, por exemplo, “maçã”, como em uma oração, isto é, quando comporta-se como sujeito, verbo ou predicado, por exemplo, “a maçã é verde”.

A palavra também encontra a intenção de ser expressa segundo um processo reflexivo intelectual em que o conceito intelectual é conectado à imagem que, de algum modo, adequa-se a ele, possibilitando a expressão de orações como “Sócrates é um homem”<sup>3</sup>. Aqui, parece haver uma nova disposição do ente humano a respeito daquilo que, anteriormente, ele havia formado em sua própria alma: as imagens e os conceitos. Nesta nova disposição, além de os conceitos serem anexados - por um processo reflexivo - às imagens, o ente humano, à sua maneira, exterioriza, pela voz ou pela escrita, os conceitos com as imagens. Isso ocorre porque o homem é naturalmente um animal social e, por isso, tem a necessidade de manifestar as suas concepções aos demais, as quais, enquanto manifestas, acomodam-se às convenções gramaticais instituídas pelas comunidades humanas (LAZARINI, 2015, p. 295).

No estado de vida presente em que o intelecto está unido ao corpo humano, qualquer operação realizada fora do âmbito intelectual é particularizada no aqui e agora relativos à esfera sensível. Ora, as vozes e a escrita se realizam nessa esfera, logo, elas estão particularizadas no aqui e agora sensíveis.

Conforme Tomás (*In Arist. Exp. Per.*, I, II, I, 1-12), as vozes ou a escrita permitem ao homem obter algum conhecimento daquilo que elas significam. No entanto, ressalte-se que é a capacidade cogitativa que possibilita a alma adquirir a disposição de expressar, por voz e escrita, as imagens e os conceitos. Assim, a cogitativa articularia as faculdades imaginativa e intelectual, anuindo certa conexão entre ambas, para possibilitar a expressão de conceitos e imagens - por meio de palavras - na realidade sensível.

<sup>2</sup> Para o Aquinate (*O ente e a essência*, 1995, cap. II), os entes sensíveis, compostos por matéria e forma, são particulares. A parte sensível da alma humana, ao ser impressionada por algum ente desse tipo, produz uma imagem particular referente a ele. Percebendo a imagem, o intelecto abstrai a matéria de sua forma essencial, inteligindo-a. Nesse tipo de abstração, a forma é inteligida sem as suas notas materiais que a particularizam. Assim, ela passa a ser considerada de maneira não-particularizada pelo intelecto humano que, neste caso, considera-a de modo universal.

<sup>3</sup> Sobre o ato reflexivo que conecta conceitos a imagens, Cf. LAZARINI, 2015, pp. 295 - 296.

A cogitativa também faz a junção das letras, permitindo a formação de palavras, que são elementos imprescindíveis às orações. Contudo, destaque-se que o modo de junção das letras para a formação de palavras se baseia na convenção gramatical instituída pelas comunidades humanas. Esta convenção tem como base a adequação da expressão àquilo que ela significa (seja seu significado um conceito isolado, seja ele uma imagem isolada ou ainda uma frase complexa em que conceitos e imagens estão articulados). As letras são signos que, quando bem dispostos, podem, com base na convenção gramatical vigente, formar palavras significativas. As disposições das palavras entre si mesmas produzem cinco espécies de orações: enunciativas, imperativas, deprecativas, interrogativas e vocativas<sup>4</sup>. Destas, só a enunciativa significa o falso e o verdadeiro; as interrogativas, vocativas, deprecativas e imperativas não os significam. Elas apenas possuem uma ordem consequente aos julgamentos realizados desde a enunciativa, porque só esta se perfaz com verdade e falsidade, ou seja, somente ela possibilita o conhecimento científico (TOMÁS, *In Arist. Exp. Per.*, I, VII, IV, 1 - 6).

Entretanto, não é nosso intuito nos aprofundarmos nos cinco tipos de orações. Intentamos mostrar, sumariamente, a função da cogitativa como uma capacidade que articula imagens e conceitos para a formação de palavras e orações significativas segundo convenções gramaticais estabelecidas. Assim, cabe-nos enfatizar que em uma enunciação o julgamento intelectual de verdade ou falsidade é o mote do enunciado ao passo que nas orações ou palavras eutrapélicas o julgamento é, de certo modo, suspenso. Além disso, na eutrapelia parece possível haver uma relação não subserviente entre imaginação e intelecto. Nesta relação, a hierarquia entre ambas as faculdades também fica suspensa, pois as imagens podem se sobrepor aos conceitos.

### **3 - *Cogitatio* enquanto eutrapelia**

Interpretando Tomás de Aquino, White (2011, pp. 98; 201 - 206) indica que a cogitativa relaciona imaginação e intelecto. A nosso ver, esta relação pode ocorrer segundo modos científicos, práticos e, até mesmo, eutrapélicos. Estes últimos são os

---

<sup>4</sup> Um indivíduo pode se dirigir à razão de outro indivíduo de três modos (em que o último tem duas maneiras diversas): (I) de modo que seu intelecto permaneça atento - próprio da oração vocativa; (II) indagando por voz - próprio da oração interrogativa; (III) dispondo-se em relação aos inferiores - próprio da oração imperativa -, e se dispondo em relação aos superiores - próprio da oração deprecativa. Sobre os superiores, o ente humano não tem virtude suficiente para alcançá-los a não ser pela mera expressão de seus desejos. Cf. TOMÁS, *In Arist. Exp. Per.*, I, VII, IV, 4 - 6.

modos da *bona versio* onde a cogitativa estabelece uma comunicação entre o intelecto e a imaginação em que as palavras e orações, ou os signos de imagens e conceitos, são convertidos do rigor lógico das <sup>5</sup>ciências para o divertimento e conseqüente relaxamento da alma humana. É na falta de rigor que a alma encontra seu deleite: suas capacidades se afrouxam e, conseqüentemente, a alma relaxa.

O relaxamento ocorre segundo comunicações, bastante variáveis, entre imagens e conceitos. Assim, as semelhanças e distinções entre ambos se realizam de maneira que não seria plenamente possível pela via da ciência. Entretanto, destaque-se que as distinções e semelhanças, nesse caso, não impossibilitam o conhecimento humano, pois, mesmo não trilhando a via do rigor científico, a eutrapelia permite a cognição.

Segundo Lauand (2001, pp. 9 - 24), o riso e o brincar como necessários à vida humana é uma das teses fundamentais da filosofia de Tomás. Este comentador acrescenta que a Idade Média, ao contrário do que alguns dizem, não ignorou ou combateu o riso e o brincar: “naturalmente, não se trata só de Tomás de Aquino; a verdade é que o ‘homem medieval’ é muito sensível ao lúdico, convive com o riso, cultiva a piada e o brincar”. Dentre os “educadores e educadoras; monges e reis; os eruditos e o povo”, a educação medieval, seja formal ou informal, ocorria, com muita frequência, dentro dum senso lúdico (LAUAND, 2001, p. 10). Nesta *importante aprendizagem*, que é a pedagogia medieval, enfatizemos, junto a Lauand, um dos principais educadores do século VIII, Alcuíno.

Alcuíno, o homem mais erudito de seu tempo, ensina por meio de adivinhas, charadas e anedotas. E consubstancia formalmente seu princípio pedagógico numa carta dirigida ao Imperador Carlos Magno: ‘Deve-se ensinar divertindo!’. Antológico, nesse sentido, é o diálogo entre Alcuíno e Pepino, então um garoto de 12 anos. (LAUAND, 2001, p. 11).

Lauand (2008, pp. 44 - 45), citando o diálogo intitulado *Pippini disputatio cum Albino Scholastico*, diz que este traz, junto à discussão de grandes temas existenciais (vida e morte, o que é o homem etc.), divertidas charadas propostas pelo mestre, Alcuíno, ao seu aprendiz, Pepino. Citemos algumas:

[i] Alcuíno: Mas, psst!, põe teu dedo sobre a boca; não aconteça que os meninos ouçam o que é. Fui eu com outros a uma caçada, na qual o que apanhamos não trouxemos conosco e o que não pudemos caçar, sim, trouxemos conosco. Pepino: É a caçada dos camponeses, não é? [piolho].

[ii] Alcuíno: O que é que sem cabeça fica maior? Pepino: Vai a tua cama e descobrirás. [a cama sem a cabeceira fica maior].

[iii] Alcuíno: Quem é o mensageiro mudo? Pepino: O que tenho aqui comigo. Alcuíno: O que tens aí contigo? Pepino: Uma carta. (ALCUÍNO, apud LAUAND, 2008, pp. 44 - 45).

Além disso, Lauand (2008, p. 45) cita outra obra, chamada *Carmina*, em que Alcuíno apresenta mais charadas. Dentre as quais citaremos duas:

[i] Tenho seis letras e sou força e poder, se me partes ao meio, uma metade louva a Deus e a outra designa o homem sem a quarta letra viro veneno R.: Virtus, tus (incenso) vir, virus.

[ii] Fui a causa do pecado e se me lês na ordem certa, comes-me se me lês de trás pra frente, cavalgas-me. Quem sou eu? R.: malum (o fruto, causa do pecado original) / mulam (a solução começa e termina com M: comer e cavalgar regem acusativo (ALCUÍNO, apud LAUAND, 2008, p. 45).

Ambas as charadas têm como respostas palavras que são signos convencionais que variam conforme as instituições linguísticas humanas (*uir*, em português, é traduzido por *homem*, e em inglês por *man*). Como visto, tais charadas fazem sentido na medida em que são consideradas dentro da gramática do idioma latino. Contudo, apesar das palavras serem signos convencionais, os conceitos que elas significam não o são, pelo fato de serem naturais e necessários. Formados desde a realidade sensível, os conceitos são produtos do intelecto, porém, enquanto expressos, passam a variar segundo a convenção linguística de cada comunidade humana.

Para a solução dessas charadas, torna-se necessário afrouxar a articulação entre a imaginação e o intelecto, além de suspender o juízo fundamental à enunciação de verdade ou falsidade. É no afrouxamento ou relaxamento que se pode brincar com conceitos, imagens e palavras. Em si mesmos, os conceitos de mula (*mulam*) e de maçã (*malum*) não têm nada a ver um com o outro (assim como os conceitos de varão, incenso e veneno), porém, pela *bona versio*, torna-se possível prescindir das rigorosas distinções entre conceitos e imagens em vista de considerar, com quase nenhum rigor, as relações entre as palavras e os seus respectivos significados. Neste afrouxamento torna-se possível brincar com as palavras a ponto de captar certa semelhança entre *mulam* e *malum*, por exemplo. No entanto, enfatize-se que a *bona versio* não prescinde por completo da distinção entre conceitos e imagens significadas pelas palavras. Já que esta distinção não é completamente prescindida, capta-se, graciosamente, certo contrassenso entre conceito e imagem na íntima aproximação estabelecida entre as palavras *malum* e *mulam*, pois a



imagem de *mulam* assim como o seu conceito diferem completamente da imagem e do conceito de *malum*. Entretanto, mesmo neste tipo de distinção, a eutrapelia consegue captar, no registro das palavras, certa semelhança lúdica entre *mulam* e *malum*. É nesse tipo de operação que a alma atinge o senso lúdico, obtendo o seu respectivo deleite.

#### **4 - As brincadeiras e os jogos**

De vez em quando, necessita-se brincar ou jogar com palavras ou ações para que a alma humana relaxe. As brincadeiras são atividades humanas que unem pessoas para que gozem de algum repouso anímico, pois a alma, tal qual o corpo, precisa de descanso, ou seja, necessita de atividades lúdicas salutares que lhe permita alcançar o deleite. As operações lúdicas por si mesmas não se ordenam a nenhum outro fim: o deleite que elas proporcionam está ordenado à recreação e ao repouso da alma. Sendo assim, torna-se lícita a operação lúdica desde que seja de maneira moderada, ou seja, sem excesso. Sobre isso, Tomás (*STh*, IIa-IIae, q. 168, ad 3m), citando Cícero, diz: “Certamente, podemos nos entregar a jogos e brincadeiras, mas como no sono e em outros descansos, só depois de satisfeitas as nossas coisas graves e sérias”.

De acordo com Eco (1993, pp. 30-32), Tomás sustenta que o deleite do brincar não se intenciona à outra coisa por ter um fim em si mesmo, já que não está relacionado a nenhuma satisfação de necessidade animal e nem a preocupações de âmbito utilitarista. Diante disso, Eco indaga (1993, pp. 30-31): o que é o brincar? E, em seguida, responde: é uma atividade que não tem em vista outra coisa a não ser si mesma, ou seja, ela tem em vista apenas a sua própria e completa satisfação. O brincar alivia o ritmo psíquico e biológico do ente humano. Os deleites orgânicos, por seus turnos, estão relacionados à nutrição e à reprodução, mas no homem é possível encontrar deleites mais nobres que estes, isto é, deleites superiores, além dos meramente orgânicos. Eco (1993, pp. 152-153), interpretando Tomás, argumenta que o deleite, que está além das capacidades imediatas de nutrição e reprodução, tem em vista a recreação do próprio espírito porque dissipa a tensão que o labor pode trazer. Em suma, o deleite proporcionado pelo brincar visa a satisfação anímica. O brincar, portanto, coloca-se como uma resposta às necessidades imperiosas ditadas pelas exigências vitais da alma humana e realiza-se segundo certo atrelamento entre os sentidos corporais, como a audição e a visão, e a faculdade cogitativa,

que é capaz de relacionar imagens e conceitos de maneira eutrapélica, propiciando virtuosos divertimentos cênicos, verbais e musicais aos entes humanos em geral.

### **Conclusão**

Em sua *Exposição aos De Ebdomadibus de Boécio* (1992, proêmio 1-52), Tomás trata daqueles que exageram no ato de brincar, já que para estes todas as coisas são motivos de risos e brincadeiras. Essas pessoas são desmedidas e excessivas, por isso desprezam e ridicularizam os discursos e as ações sérias. Entretanto, o brincar deve ser virtuoso, isto é, medido e moderado, caso contrário, cederá lugar ao vício. O Aquinate (*STh*, IIa-IIae, q. 168.) assere que tais pessoas não possuem a eutrapelia. O brincar moderado, diversamente do excessivo, é uma virtude que permite um agradável deleite à alma humana. Portanto, cumpre ressaltar que a eutrapelia é uma operação que, gerada pela cogitativa, permite o ente humano atingir tanto o aprazimento quanto a sociabilidade e o aprendizado a ponto de causar enriquecimentos virtuosos à sua alma.

## Referências

### Fontes Primárias

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao 'Sobre a interpretação' de Aristóteles*. Campinas: Vide Editorial, 2018.

\_\_\_\_\_. *Expositio libri Boetii de Ebdomadibus* (Tomo L). Paris: Ed. Leonina 1992.

\_\_\_\_\_. *In aristotelis libros peri hermeneias et posteriorum analyticorum expositio*. Cambiagio: Marietti, 1986.

\_\_\_\_\_. *Le traité 'De l'interprétation' d'Aristote et son commentaire thomiste*. Ottawa: Société d'études aristotélico-thomistes (Bibliothèque et Archives Canada), 2019.

\_\_\_\_\_. *O ente e a essência*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Suma de Teologia*. Primeira Parte: Questões 84–89. Uberlândia: EDUFU, 2006.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica*. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

### Comentários

CASSIANUS, Iohannes. *Collationes Patrum*. (Collationibus) Selections. M.D.XLII, 1542. [Disponível em: <https://scaife.perseus.org/reader/urn:cts:latinLit:stoa0076c.stoa001.opp-lat2:24.21>]. Data do último acesso: 22/06/2021.

ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. *Le problème esthétique chez Thomas d'Aquin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: Introdução, Lógica, Cosmologia*. São Paulo: Paulus, 2013.

GILSON, Étienne. *Thomism: the philosophy of Thomas Aquinas*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia na Idade Média*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LAUAND, Jean. “Enigmas, Alegoria E Religião Na Educação Medieval”. *Notandum* (USP), vol. 18, pp. 39 - 50, 2008.

\_\_\_\_\_. “Deus ludens: o lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia medieval”. *Notandum* (USP), vol. 7, pp. 9 - 24, 2001.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro. “A consignificação do tempo pelo verbo no comentário de Santo Tomás de Aquino ao Peri Hermeneias”. In: *Lógica e Linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção Filosofia 23)

\_\_\_\_\_. Introdução: “As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano”. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. Primeira Parte: Questão 84 – 89. Uberlândia: EDUFU, 2006.

LAZARINI, Richard. “A teoria da linguagem em Tomás de Aquino”. 2015. [Disponível *on line* em: <http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/04/Richard-Lazarini1.pdf>]. Data do último acesso: 10/06/2021.

ROUSSELOT, Pierre. *A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

WHITE, Leo Alfred. “Perception, Language, and Concept Formation in St. Thomas”. *American Catholic Philosophical Association Proceedings of the ACPA*, vol. 84, pp. 197 - 212, 2011.

Recebido em: 03/03/2021  
Aprovado em: 10/05/2021